

Pela vida de todas as mulheres: abaixo o bolsonarismo.

Pelo fim da fome, do racismo,
feminicídio e transfeminicídio!

8 de
março
RECIFE 2022

Análise de conjuntura nacional

O 8 de Março marca o dia Internacional de luta de todas as mulheres. Somos negras, brancas, indígenas, jovens, idosas, LBTQIAP+, trabalhadoras domésticas, mulheres com deficiência, vivendo a fé de diversas formas. Em 2022, vamos às ruas contra a política de fome e morte do governo Bolsonaro que perpetua a exploração sistemática de corpos de mulheres tornando difícil sobrevivermos a uma taxa de desemprego de 19,8% para mulheres negras (segundo Dieese) e com 51 milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza.

Pela vida de todas as mulheres, estaremos nas ruas contra esse governo genocida que sucateia as políticas de assistência social; encarece o preço de alimentos e gás e aumenta a insegurança alimentar com apoio do agronegócio. Seu discurso de ódio contra mulheres, pretas/os e LBTQIAP+ nos faz ser alvo de LBTQIA+fóbicos, racistas e machistas. Somos o país que mais mata mulheres trans e travestis, com altos índices de feminicídio. Uma mulher é assassinada a cada duas horas em nosso país, sendo 66% destas mulheres negras.

Com mais de 630 mil mortes, a pandemia aprofunda a crise econômica e política afetando diretamente a vida de mulheres que estão mais sobrecarregadas com triplas jornadas de trabalho. Fomos nós a cuidar das crianças, adolescentes dos doentes, idosos e a velar nossos mortos. A perda de Direitos sociais e dos auxílios emergenciais adequados, nos precariza. Por isso lutamos em defesa do SUS e por serviços públicos de qualidade!! E FORA BOLSONARO!

Análise de conjuntura por instituições

RATTs

Pernambuco desponta como um dos lugares mais violentos do planeta para a população Trans. O Brasil é, há 13 anos consecutivos, o país que mais mata pessoas trans no mundo e PE encontra-se em 5º mais letal (11 casos/2021). A marca de 7 assassinatos em 9 meses em 2021 evidencia uma onda crescente de transfobia e transfeminicídios. Em 2022, foram 4 casos em 40 dias, na Região Metropolitana e no interior do estado. Violência extrema, desproporcional, premeditada por motivos torpes, sem chance de defesa, e com requintes de crueldade. Casos como o de Roberta Silva, moradora de rua, incendiada enquanto dormia, e os recorrentes casos de transfobia em escolas da rede estadual de ensino, com conivência das gestões envolvidas, evidenciam o abandono do Estado. Necessita-se de estratégias de intervenção emergencial construídas com a sociedade civil para frear o extermínio dessa população. Mesmo sendo um dos Estados com maior número de equipamentos preventivos à violência e vulnerabilidade social de LGBTs, os mantém sucateados e sem verbas, ineficazes e obsoletos. É pressuposto ao Estado, no art. 5º da Constituição, a admissão de respeito e proteção à população trans e o dever de aprovar leis, medidas e políticas públicas para efetivar a proteção desta população. Infelizmente, os apelos para que este diálogo ainda não foram atendidos, espelhando pouco compromisso com as vidas/demandas das pessoas trans e sua inclusão, por parte de governo.



Marcha Mundial de Mulheres



Importância de refletir o papel e o potencial das mulheres nesse ano decisivo de 2022, em que a derrota de Bolsonaro e do bolsonarismo segue sendo nossa tarefa número zero. Bolsonaro segue com 30% de aprovação, foi desgastado pela nossa mobilização (campanha Fora Bolsonaro, luta pelo auxílio emergencial e pela vacina), mas não foi suficiente, haja vista não conquistamos o impeachment. Neste ano eleitoral as pautas de interesse da vida das mulheres serão mobilizadas de forma a alavancar votos conservadores em prol de Bolsonaro. Assim, o 8 de março, como dia de luta das mulheres, é muito importante por abrir o calendário de lutas do ano, colocando a força das pautas feministas que devem estar na plataforma do governo que precisamos eleger e parlamentares como processo de retomada da democracia e resistência ao neofacismo. A força da luta das mulheres já está demonstrada pela articulação nacional expressa no lema “Pela Vida das Mulheres; Bolsonaro Nunca Mais; Por um Brasil sem machismo, sem racismo e sem fome”. Que sejamos ao longo de todo o ano parte do protagonismo popular feminista.

Rede de Mulheres Negras de Pernambuco

Estamos vivendo um dos momentos históricos mais difíceis do Brasil, nas últimas décadas. Uma crise de grandes dimensões, com várias faces: política, econômica, sanitária, entre outras. Sem dúvida o governo Bolsonaro tem praticado uma política de morte contra as camadas mais pobres da população, sobretudo a população negra. E são as mulheres negras as mais prejudicadas na conjuntura em que estamos vivendo. As várias reformas, que se iniciaram desde o governo Temer, têm resultado em perda de direitos. Há um grave recrudescimento das várias violências: aumento dos feminicídios, aumento dos homicídios de jovens, aumento dos transfeminicídios, aumento do encarceramento em massa. Em todos esses índices, a maioria são pessoas negras. Inúmeros casos de racismo são noticiados todos os dias. Por outro lado, é fundamental destacar que o racismo, a misoginia, a LGBTfobia não se iniciaram no governo Bolsonaro, nem vão se encerrar com a derrubada dele. O Fora Bolsonaro é hoje uma prioridade para nós, mulheres negras, mas não é suficiente para mudar essa realidade do país. Queremos um modelo de desenvolvimento que respeite a natureza e tenha como eixo central a superação de todas as desigualdades. Queremos alcançar o Bem Viver! É por isso que lutamos todos os dias!



Movimento Brasileiro de Mulheres cegas e com baixa Visão: MBMC

As pessoas com deficiência conquistaram sua autonomia para realizar as tarefas do cotidiano, por meio da habilitação e reabilitação, técnicas específicas que auxiliam o desenvolvimento de determinada tarefa. Nós mulheres com deficiência, enfrentamos ainda inúmeros preconceitos e diversas barreiras atitudinais e arquitetônicas que impedem ou dificultam nossa inserção no mundo do trabalho, na educação, na rede de saúde e outros setores da sociedade. Sobretudo pelo capacitismo (preconceito contra pessoas com deficiência).

O Governo Bolsonaro promoveu uma série de desmonte as leis conquistadas pelo movimento de pessoas com deficiência. Enfraquecendo os Conselhos de direito das pessoas com deficiência, Tentou extinguir a lei de cotas, mas não conseguiu. Durante a pandemia as pessoas com deficiência foram totalmente excluídas de qualquer projeto, ficaram isoladas dentro de casa, com altos índices de violência doméstica.

AMOTRANS

O governo federal colocou a população trans na ponta da mira, com discurso violento e incitando uma onda de ódio contra nós. No primeiro semestre de 2021 já tinham sido registrados 80 casos identificados de assassinatos de pessoas trans, sendo 78 de travestis e mulheres trans. Demonstrando que a misoginia ainda é muito forte, esse ódio contra a feminilidade. Em PE tivemos um dos anos mais sangrentos para a população trans em 2021, em aproximadamente 3 meses tivemos o assassinato de 7 pessoas. Foram feitas várias tentativas de dialogar com o governo do estado, em nenhum momento o governador esteve presente, indicando pouco compromisso com as pautas trans. Num cenário pré eleitoral, algumas “terceiras vias” apresentadas para o governo federal são igualmente fascistas, e mesmo elegendo Lula ainda será um desafio desenvolver e implementar políticas voltadas à população trans.



MST



Há em andamento um processo de crises que a gente tem enfrentado social, política, ambiental e sanitárias. Todas juntas afetam diretamente as mulheres, as mulheres negras. As que estão sofrendo mais são as que estão resistindo e fazendo os enfrentamentos contra os ataques. É fundamental seguirmos dialogando porque “juntas somos mais fortes”. Pautar a solidariedade, que a gente consiga se juntar e se unir, planejar ações conjuntas e estratégicas para mostrar que estamos fortes na resistência.

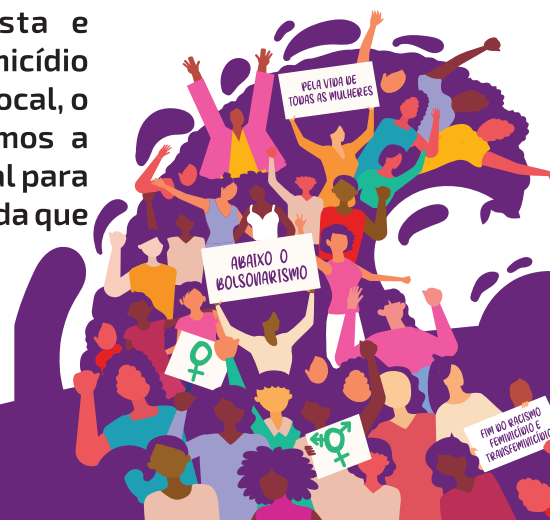
MTST

A luta por moradia também é a luta das mulheres, é uma luta que em sua maioria é feita pelas mulheres, mulheres negras e da periferia. A sobrevivência dessas mulheres já era precarizada, com a Pandemia a vulnerabilidade se intensificou: ampliou-se o número de pessoas em situação de rua, principalmente mulheres e mulheres mães. Ataques estão ocorrendo contra a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF 828) do “Despejo Zero”, até o dia 31/03, e estamos tentando ver como vai ser, serão milhares de pessoas despejadas no país. Existem diversas articulações com parlamentares, a fim de fazer o enfrentamento institucional. Existe um grupo de mulheres se organizando para fazer o enfrentamento nas ruas, elas vêm encampando



Secretaria de Mulheres PT

Denunciamos o Governo genocida, misógino, negacionista e fundamentalista que precisa ser destruído, aumentando o feminicídio e transfeminicídio. Precisamos também estar atentas à política local, o fundamentalismo tenta nos barrar, prender e aprisionar. Temos a missão de unificar e tentar alinhar numa candidatura presidencial para derrotar de vez esse projeto maligno, uma candidatura de esquerda que fortaleça as mulheres, hoje a conjuntura aponta para Lula. Há a ausência de discutir a cultura de estupro e a pedofilia contra as diversas meninas e adolescentes sendo estupradas, aliciadas e vendidas.



Frente Pernambuco Pela Legalização e Descriminalização do aborto

Tanto a nível nacional quanto a nível local vemos uma tentativa de criminalização total do aborto, por meio do legislativo (estatuto do nascituro, estatuto da gestante, dia do nascituro, semana de conscientização contra o aborto); no executivo (portarias e decretos que dificultam a realização do protocolo de aborto legal) e no judiciário (negativa de realização do procedimento, mesmo sendo direito). É uma pauta que os/as fundamentalistas têm apostado, principalmente os bolsonaristas que tiveram uma queda na aprovação diante do contexto da pandemia. Nós temos resistido e estamos conseguindo barrar esses retrocessos. O governo do estado em PE também tem atuado dessa forma, alguns dos serviços listados como referência não estão realizando o protocolo. Pontua-se a importância de trazer o tema ligado à justiça reprodutiva, se opor ao controle dos nossos corpos, ter em mente que faz parte de uma política que também impede mulheres de exercerem a maternidade de forma segura, impactando principalmente as mulheres negras, de periferia, que também são as mais criminalizadas. Soma-se a tudo isso o alto número de mortes maternas por COVID, violência obstétrica, etc. Precisamos nos manter lutando pela legalização e descriminalização do aborto.

RENFA

Uma reflexão que se trouxe é a importância de trazer pautas que historicamente ainda se vê pouca ação no movimento feminista, entendendo que é necessário trazer provocações para ampliar as parcerias para a luta feminista. Todas as políticas proibicionistas, de controle, punitivistas é necessário que nós mulheres enfrentamos. Pautas como o desencarceramento e pensar alternativas para os complexos prisionais que estão sendo construídos. Debater anti punitivismo, desencarceramento, direito à autonomia dos corpos, direito das mulheres mães, usuários de drogas é necessário para que possamos entender como tudo isso afeta diariamente a vida das mulheres, sobretudo as mulheres negras, jovens e mães. Para esse ano é fundamental que os movimentos feministas e os movimentos progressistas entendam que essa pauta é necessária para a luta decolonial e para afirmar a nossa democracia, que ainda não representa as mulheres trans, negras, mães. Precisa-se ir para o frente sem fazer conciliação, é necessário entender que somos uma força política nacional e que temos um projeto para nosso país, um governo de forma democrática para todas, todos e todes.

Fórum de Mulheres de Pernambuco

Nesse momento é importante considerar as condições de vida das mulheres, pois estamos passando por uma crise econômica onde temos uma concentração maior de riquezas e o aumento das desigualdades sociais e as mais atingidas e vulneráveis são as mulheres, sobretudo as mulheres negras. Se vê as mulheres, sobretudo as mulheres negras passando fome (insegurança alimentar), sofrendo com o genocídio, o aumento da violência contra mulher, feminicídio, lesbofobia. Diante disso, é necessário a aplicação de políticas públicas, sobretudo no plano local, para que as políticas de assistência às mulheres não funcionam. A pauta da violência tem sido apropriada pela direita fundamentalista religiosa que impedem o avanço das buscas das políticas públicas e também as colocam em risco outras já conquistadas, como é o caso do aborto legal. Precisamos discutir como o estado de Pernambuco está atuando, um estado que declarou que é anti-bolsonaro, mas faz aliança com bolsonaristas, pois nossas políticas estão sendo cada vez mais precarizadas. Temos o desafio futuro das eleições, fazer a crítica é necessário para que consigamos eleger mulheres que levem nossas pautas para dentro da ALEPE, o combate da violência política precisa estar presente nas nossas organizações do ano de 2022. A falta de governos com políticas públicas e controle social de forma mais efetiva coloca em risco os corpos e direitos das mulheres, vamos construir e enfrentar juntas a violências às mulheres, o racismo contra o avanço do fundamentalismo religioso.

Coletivo de Mulheres da CUT

Nós, mulheres cutistas, entendemos que as desigualdades no mercado de trabalho serão amenizadas com políticas públicas, tais como: creches públicas que atendam a todas as mulheres mães; segurança nos espaços públicos; transporte público de qualidade; lavanderias públicas; restaurantes públicos, entre outros. O trabalho produtivo é um espaço de intensa competição e de exclusão para as mulheres trabalhadoras, sejam elas informais, cooperadas, empreendedoras e as mais diversas formas de trabalho produtivo. A divisão sexual do trabalho, somada ao racismo e à lbtfobia, fortalecem as desigualdades entre homens e mulheres, assim as mulheres da classe trabalhadora são classificadas como trabalhadoras que complementam a renda doméstica. O capitalismo neoliberal destina às mulheres os trabalhos precarizados e intensificados, com baixos salários, a tripla jornada de trabalho e a maior possibilidade de desemprego. A Reforma Trabalhista de 2017 aprofundada pelas minirreformas contribuíram ainda mais para as relações desiguais entre homens e mulheres no trabalho produtivo, forçando as mulheres ao trabalho reprodutivo. Portanto, ressaltamos a necessidade do retorno e avanço das políticas públicas, programas de trabalho e renda para as mulheres, igualdade de oportunidades na vida e no trabalho numa sociedade democrática de fato.

Coletivo Classista Ana Montenegro (CFCAM PE)

Reforçamos a importância da nossa presença massificada nos atos do dia 8 de março e o fortalecimento de seu caráter classista e socialista no âmbito internacional. O cenário do ano anterior mostrou a importância da classe trabalhadora retomar às ruas e se colocar como uma força dentro do jogo político, o qual vinha sendo movimentado apenas pelos setores burgueses e pequeno-burgueses. Sabemos que Bolsonaro e o bolsonarismo não serão derrotados apenas por vitórias eleitorais. Assim, nossa presença nas ruas e a organização da classe trabalhadora nos seus locais de trabalho, estudo e moradia são condições indispensáveis para resistirmos a todos os ataques que estamos sofrendo, revogar as contrarreformas, impedir a manutenção de Bolsonaro na presidência e fortalecer um polo de enfrentamento ao protofascismo e ao liberalismo conciliatório. Não aceitamos pautas mínimas enquanto nossa classe está passando fome e sendo massacrada. O apontamento para o socialismo não é uma bandeira de agitação, pelo contrário, é a única possibilidade de superarmos a barbárie capitalista. Assim, convocamos todas as mulheres e a toda a classe trabalhadora a se somarem aos atos e atividades do 8 de março e a fortalecerem as lutas anticapitalistas e antiimperialistas no Brasil e em todo o mundo.

Juventude Operária Cristã (JOC)

O Brasil continua sendo um país com profundas desigualdades sociais, econômicas, históricas e culturais. A precarização do trabalho, o crescimento do trabalho informal, o desemprego, a diminuição da renda mínima e a dificuldade de garantir os estudos são os aspectos comuns da realidade que impactam principalmente a vida das jovens trabalhadoras gerando um quadro de desalento, frustração e desesperança. Estamos diante de um cenário de redução da mão de obra física pelas máquinas, da mão de obra qualificada pela inteligência artificial, especialmente no mercado formal, bem como da eliminação de postos de trabalho e não abertura de novas vagas. Impactando mulheres jovens, com idade entre 15 e 29 anos, em sua maioria negras, que vivem em regiões empobrecidas, com suas famílias em espaços pequenos de moradias, enfrentando também dificuldades para concluir a escolarização básica, acessar o mercado de trabalho e obter renda necessária para garantir as condições mínimas de sobrevivência. Não raro, as jovens mulheres têm responsabilidades familiares com irmãos, outras vivem a gravidez na adolescência e a maternidade solo. É necessária uma especial atenção para a construção do protagonismo das jovens trabalhadoras em todos os momentos e, assim, garantir sua participação na integralidade.

Liberta Elas

A situação de cárcere, de insalubridade, a intensificação do COVID dificultaram, ainda mais, o acesso dos grupos que lutam pelo desencarceramento. Alguns dados do INFOPEN: 88% das mulheres encarceradas em PE são pardas ou pretas, 52,4% não foram julgadas, 276% da taxa de ocupação, entre 2000 e 2016 teve aumento do encarceramento feminino em mais de 500%. Ficamos muito preocupadas com as companheiras encarceradas, a própria estrutura do cárcere é feita com aglomeramento. Houve recomendação n 62 do CNJ estabelecendo sugestões para que houvesse uma maior ação no sentido de desencarcerar: progressão de regime, saída de pessoas idosas etc. Mas segundo pesquisa o TJPE reforçou ainda mais o encarceramento, isso foi analisado a partir dos HC impetrados, que o TJPE negou os HC. É uma situação trágica, que dificultou bastante. Liberta Elas vem realizando oficinas e rede de apoio com mulheres sobreviventes do cárcere, rede pela não violência das mulheres no cárcere.



Resistência feminista

Atua, em parte, no movimento sindical, que tem intervenção com mulheres rodoviárias e metroviárias. Importante troca de experiência com outras formas de movimento feminista. O adoecimento da classe trabalhadora, em especial das mulheres, está crítico. Mulheres acumulando muitas funções, para além das 3 jornadas. Muita gente com sequela pós COVID, e muitas mulheres tiveram que sair do trabalho produtivo para cuidar das crianças, para muitas trabalhadoras o home office não foi uma alternativa.

Precisamos dar uma segurança às mulheres, lembrar que o combate é bem maior. Cada dia aumenta mais o número de mulheres vítimas de feminicídio. São três anos desafiadores para as mulheres da nossa classe. A tarefa imediata é abrir as lutas do ano com o 8M, é uma vitória que a gente esteja na rua. O Fora Bolsonaro é uma necessidade, a cada mês que se passa há a possibilidade de novos golpes contra nós. Não podemos afirmar que a conjuntura está favorável, não vencemos ainda, a eleição ainda está muito polarizada, ainda existe um direito de ultra direita usando a máquina do estado para fake news etc. As pessoas estão sentindo na vida prática as consequências do governo bolsonaro, pela fome, pelas mortes, mas muitas ainda defendem ele, ainda existe batalha grande no campo de disputa ideológica. A gente tem que estar na rua, intervindo na realidade, mobilizando. Tentar botar bastante mulher na rua.

Ameciclo

Antes mesmo da chegada da pandemia, as mulheres já utilizavam a bicicleta para acessar serviços realizar atividades domésticas e pessoais. Quando visitamos periferias urbanas, vemos mães levando seus filhos para a escola ou indo ao trabalho utilizando o modal. Em 2021, a Ameciclo pôde constatar um aumento de mulheres pedalando no Recife e isso se justifica no fato da bicicleta ser um meio de transporte barato e rápido, possibilitando também o distanciamento social. Nesse sentido, ela oportunizou que as mulheres tivessem acesso a direitos básicos para se manterem com o mínimo de risco de infecção e sobreviverem dentro das suas realidades de desemprego e maternidade solo. Vale salientar que as mulheres são maioria nas atividades de enfermagem e outras áreas da saúde primordiais na pandemia. Apesar dos benefícios, mulheres na bicicleta se arriscam no trânsito recifense por não encontrarem estruturas cicloviárias nos seus trajetos, vendo-se obrigadas a dividirem o espaço com motoristas violentos, que além de ameaçarem sua integridade física com o carro, também praticam assédios. Os dados apontam como a bicicleta deve ser priorizada pelas gestões municipais como ferramenta para garantia da justiça social. Quando se investe em infraestrutura para bicicletas, se beneficia todas as mulheres, pois a partir do momento que todas têm acesso a seus direitos, as mesmas são capazes de alcançar a sua autonomia e quebrar as barreiras do patriarcado.

Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD)

O aprofundamento da crise econômica no Brasil, somado à política da fome, do desemprego e da morte orquestrados pelo governo Bolsonaro, tem dificultado enormemente a vida das mulheres das camadas populares. A taxa de desemprego chegou a 16,8%, enquanto, para as mulheres negras, essa taxa foi de 19,8%, de acordo com dados do Dieese. Assim, a quantidade de mulheres desempregadas em nosso país atinge 8,6 milhões. Além do que quase 51 milhões de pessoas estiveram abaixo da linha da pobreza nos últimos dois anos e mais de 10 milhões passam fome. Alguns dados sistematizados na pesquisa "Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia" realizado pela Sempre Organização Feminista e Gênero e Número (2020) indicam que 52% das mulheres negras e 46% das mulheres brancas passaram a se responsabilizar pelo cuidado de alguém durante a pandemia; 55% das mulheres negras afirmaram que as principais dificuldades do momento são o pagamento de contas básicas ou aluguel; 58% das mulheres desempregadas são negras e 39% brancas; 63% das entrevistadas responderam que a pandemia do coronavírus colocou a sustentação da sua casa em risco. A violência contra as mulheres aumentou, em que a cada duas horas uma mulher é assassinada no Brasil, sendo 66% destas mulheres negras. A conjuntura brasileira de retirada dos direitos trabalhistas, a ausência de investimento em políticas de Estado que reduzissem o fenômeno da pobreza, a realidade de milhões de famílias em situação de fome, sem moradia garantida, a incerteza em sonhar futuros melhores deve nos impulsionar a construir atos em todos o país, defendendo a democracia, os direitos das mulheres à vida, trabalho e renda com dignidade. É fundamental que reverbere nas ruas o projeto feminista popular de sociedade, em que a vida está no centro e não o lucro de meia dúzia de empresas. Dessa forma, ecoaremos o lema nacional da construção unitária dos movimentos de mulheres, sociais e feministas "Pela Vida das Mulheres, Bolsonaro nunca mais! Por um Brasil sem machismo, sem racismo e sem Fome!"

CEBES

Vamos acender o pavio da esperança, fazer a defesa da saúde que a gente acredita transpassando a idéia de território-limite e abraçando a perspectiva de território-identidade-pertencimento 08 de março é dia de aflorar as memórias das lutas das diversas corpas que nos antecederam, temos o dever de ampliar e garantir direitos básicos de vida para essa população que em sua maioria. São tempos de nos manifestarmos em defesa da vida de todas as mulheres.

Mulheres negras, pobres, lésbicas, indígenas, travestis, trans, deficientes, quilombolas, trabalhadoras do campo e da cidade, migrantes, ciganas, encarceradas, mulheres e meninas em suas diversidades. O Cebes defende em sua tese a garantia do acesso à política pública de saúde para todas as pessoas sendo direito intransferível o acesso universal para todas e todes. O Cebes Recife defende o fim desse desgoverno da morte e propaga a necessidade de ampliação e garantia do SUS, da atenção básica em saúde para todas as mulheres e pessoas oprimidas por esse sistema capitalista e desigual. Somos contra o genocídio da juventude negra, contra o racismo que estrutura essa sociedade! Mas somos a favor da organização social, força motriz da transformação radical que almejamos, até que todas sejam livres!

Mulheres da Consulta Popular

Contra a aliança entre o neofascismo e o neoliberalismo, urgem medidas de caráter antifascista e antineoliberal a fim de estabelecer uma democracia mais avançada que restitua os direitos das/os trabalhadoras/és, permitindo recuperar condições favoráveis para a luta popular.



O neofascismo, que elege como inimigos principais os movimentos comunista, popular, feminista, negro e LGBTQIA+, tem degradado as condições de vida do povo brasileiro, principalmente, das frações racializadas da classe trabalhadora, constituídas, sobretudo, por mulheres negras. Assim, a luta contra o patriarcado e o racismo estrutural, marcas profundas de nossa formação social, adquirem, na atual conjuntura, centralidade em nossa política e formulações. Uma vez que, a secundarização da luta antirracista e feminista contribui para a dispersão das forças populares e facilita a penetração de concepções liberais e individualistas no seio do povo. Nas eleições de 2022, elegermos Lula presidente. Contudo, manteremos nossa independência política, pela defesa de um programa antineoliberal, antifascista, antirracista e antipatriarcal. Buscamos assim, aglutinar os setores populares e organizá-los para além do processo eleitoral, visando o fortalecimento da luta popular e enfrentamento do neofascismo e o neoliberalismo que acoossam o nosso povo.



A política da fome, do desemprego e da morte orquestrados pelo governo Bolsonaro, tem dificultado enormemente a vida das mulheres das camadas populares, sobretudo as mulheres negras. Não aceitamos pautas mínimas enquanto nossa classe está passando fome e sendo massacrada. A taxa de desemprego chegou a 16,8%, enquanto, para as mulheres negras, essa taxa foi de 19,8%, 51 milhões de pessoas estiveram abaixo da linha da pobreza nos últimos dois anos e mais de 10 milhões passam fome.

Estamos vivendo um dos momentos históricos mais difíceis do Brasil, nas últimas décadas. Uma crise de grandes dimensões, com várias faces: política, econômica, sanitária, entre outras. Sem dúvida o governo Bolsonaro tem praticado uma política de morte contra as camadas mais pobres da população, sobretudo a população negra. E são as mulheres negras as mais prejudicadas na conjuntura em que estamos vivendo. As que estão sofrendo mais são as que estão resistindo e fazendo os enfrentamentos contra os ataques. Se vê as mulheres, sobretudo as mulheres negras, sofrendo com o genocídio, o aumento da violência contra mulher, feminicídio, lesbofobia. 58% das mulheres desempregadas e 66% das mulheres assassinadas no Brasil, são/eram negras. Somos contra o genocídio da juventude negra, contra o racismo que estrutura essa sociedade!

Pernambuco desponta como um dos lugares mais violentos do planeta para a população Trans. O Brasil é, há 13 anos consecutivos, o país que mais mata pessoas trans no mundo e PE encontra-se em 5º mais letal (11 casos/2021). Evidencia-se uma onda crescente de transfobia, transfeminicídios e o abandono do Estado nas suas três esferas. Queremos estratégias de intervenção emergencial construídas com a sociedade civil que construam leis, medidas e políticas públicas para frear o extermínio e o derramamento de sangue dessa população. O governo federal de Bolsonaro colocou a população trans na ponta da mira, com discurso violento e incitando uma onda de ódio contra estas pessoas. Num cenário pré eleitoral, algumas "terceiras vias" apresentadas para o governo federal são igualmente fascistas.

Neste ano decisivo de 2022, a derrota de Bolsonaro e do bolsonarismo segue sendo nossa tarefa número zero, que foi desgastado pela nossa mobilização (campanha Fora Bolsonaro, luta pelo auxílio emergencial e pela vacina), mas não conquistamos o impeachment. Neste ano eleitoral as pautas de interesse da vida das mulheres serão mobilizadas de forma a alavancar votos conservadores em prol de Bolsonaro. A cada mês que se passa há a possibilidade de novos golpes contra nós. Defendemos a garantia do acesso à política pública de saúde para todas as pessoas sendo direito intransferível o acesso universal para todas e todes. Defendemos o fim desse desgoverno da morte e propaga a necessidade de ampliação e garantia do SUS, da atenção básica em saúde para todas as mulheres e pessoas oprimidas por esse sistema capitalista e desigual.

Contra a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF 828) do “Despejo Zero”, até o dia 31/03, e estamos tentando ver como vai ser, serão milhares de pessoas despejadas no país. A luta por moradia é luta que é feita pelas mulheres, mulheres negras e da periferia.

Precisamos nos manter lutando pela legalização e descriminalização do aborto. Tanto a nível nacional quanto a nível local vemos uma tentativa de criminalização total do aborto, por meio do legislativo; no executivo, e no judiciário. Os fundamentalistas atacam diretamente os direitos sexuais e reprodutivos. Pela justiça reprodutiva, contra o controle dos nossos corpos, que impede mulheres de exercerem a maternidade de forma segura, impactando principalmente as mulheres negras, de periferia, que também são as mais criminalizadas.

Denunciamos o Governo genocida, misógeno, negacionista e fundamentalista. Precisamos estar atentas à política local, temos a missão de unificar e tentar alinhar numa candidatura presidencial de esquerda que fortaleça as mulheres, o combate da violência política precisa estar presente nas nossas organizações do ano de 2022. O estado de Pernambuco declarou que é anti-bolsonaro, mas faz aliança com bolsonaristas. Precisamos impedir a manutenção de Bolsonaro na presidência e fortalecer um polo de enfrentamento ao protofascismo e ao liberalismo conciliatório.

Contra todas as políticas proibicionistas, de controle, punitivistas como o desencarceramento. Debater anti punitivismo, desencarceramento, direito à autonomia dos corpos, direito das mulheres mães, usuários de drogas necessária para a luta decolonial para quem pauta o cuidado em liberdade. Pelo enfrentamento contra a retirada do dinheiro público dos serviços de atenção à saúde mental para as comunidades terapêuticas, aliada a uma política de controle e de morte. A situação de cárcere, de insalubridade, a intensificação do COVID dificultaram, ainda mais, o acesso dos grupos que lutam pelo desencarceramento. 88% das mulheres encarceradas em PE são pardas ou pretas, 52,4% não foram julgadas, 276% da taxa de ocupação, entre 2000 e 2016 teve aumento do encarceramento feminino em mais de 500%. Ficamos muito preocupadas com as companheiras encarceradas, a própria estrutura do cárcere é feita com aglomeramento.

Contra as relações desiguais entre homens e mulheres no trabalho produtivo, a exclusão para as mulheres trabalhadoras, precarização do trabalho, o crescimento do trabalho informal, o desemprego, a diminuição da renda mínima e a dificuldade de garantir os estudos (impactando mulheres jovens, com idade entre 15 e 29 anos, maioria negras), adoecimento das mulheres trabalhadoras (acúmulo de muitas funções, para além das 3 jornadas; sequelas pós COVID, muitas saindo do trabalho produtivo para cuidar das crianças); e pela necessidade do retorno e avanço das políticas públicas, programas de trabalho e renda para as mulheres e igualdade de oportunidades na vida e no trabalho. Nossa presença nas ruas e a organização da classe trabalhadora nos seus locais de trabalho, estudo e moradia são condições indispensáveis para resistirmos a todos os ataques que estamos sofrendo, e revogar as contrarreformas.

Mulheres na bicicleta se arriscam no trânsito recifense por não encontrarem estruturas cicloviárias nos seus trajetos, são obrigadas a dividirem o espaço com motoristas violentos, que ameaçam suas integridades físicas e praticam assédios. A bicicleta é um meio de transporte barato e rápido, que possibilita o distanciamento social. Oportuniza que as mulheres tenham acesso a direitos básicos para se manterem com o mínimo de risco de infecção e sobrevivam dentro das suas realidades de desemprego e maternidade solo. Deve ser priorizada pelas gestões municipais como ferramenta para garantia da justiça social. Quando se investe em infraestrutura para bicicletas, se beneficia todas as mulheres.



CONCENTRAÇÃO **15h**
Parque 13 de Maio

8 de
março
RECIFE 2022

Fechamento

08 de março é dia de aflorar as memórias das lutas das diversas corpos que nos antecederam, temos o dever de ampliar e garantir direitos básicos de vida para essa população. São tempos de nos manifestarmos em defesa da vida de todas as mulheres. Mulheres negras, pobres, lésbicas, indígenas, travestis, trans, deficientes, quilombolas, trabalhadoras do campo e da cidade, migrantes, ciganas, encarceradas, mulheres e meninas em suas diversidades.

Buscamos assim, aglutinar os setores populares e organizá-los para além do processo eleitoral, visando o fortalecimento da luta popular e enfrentamento do neofascismo e o neoliberalismo que acoçam o nosso povo, a fim de estabelecer uma democracia mais avançada que restitua os direitos das/os trabalhadoras/és, permitindo recuperar condições favoráveis para a luta popular.

Assim, o 8 de março, como dia de luta das mulheres, é muito importante por abrir o calendário de lutas do ano, colocando a força das pautas feministas que devem estar na plataforma do governo que precisamos eleger e parlamentares como processo de retomada da democracia e resistência ao neofacismo. Que sejamos ao longo de todo o ano parte do protagonismo popular feminista.

Saudações Feministas, rumo ao 8 de março por um Brasil livre do machismo, do racismo e da LBTQIAP+fobia para todas as Brasileiras!

 **8mrecifermr**

